

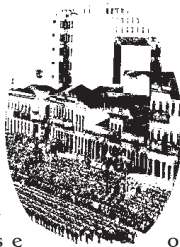
Paulo Roberto Brandão Fonseca

Arquiteto e urbanista. Mestre, formado pelo núcleo PROARQ –UFRJ.

Cidade-Coração

Este trabalho é um estudo sobre as mudanças ocorridas na área central do Rio de Janeiro, que conhecemos como avenida Presidente Vargas. Durante seu desenvolvimento, o estudo tenta relacionar as contradições dessa área com o processo de organização urbana sujeito às influências econômicas e sociológicas do mundo da época. Esse processo trouxe alterações e vários tipos de experimentações para a região – também *coração* da cidade do Rio de Janeiro e do Brasil – que levaram à sua fatal decadência e negligência, gerando problemas sociais que acabaram comprometendo seu funcionamento. O estudo também mostra como essa área tornou-se um modelo de organização social e urbana que seria reproduzido em toda a cidade, definindo, até os dias de hoje, suas relações e principais características no tocante aos aspectos social, político e religioso.

Palavras-chave: coração, território, lugar, metrópoles, urbanismo, capitalismo, relacionamento.



This work is a study of changes which took place in a central area of the city of Rio de Janeiro known as avenida Presidente Vargas. Throughout its development, the study attempts to link the contradictions of this area with thinking process of urban organization subject to the world's economical and sociological influences of the time. This process brought alterations and several types of experimentation to the area – also *heart* of the city of Rio de Janeiro and Brazil – which led to a fatal decay and negligence of the region and generated special urban and social problems that would eventually compromise its functioning. The study also shows how this area set the pattern for social and urban organization that would be reproduced in the whole region of the city, establishing, up to date, its relations and the main characteristics in what concerns social, political and religious aspects.

Keywords: heart, territory, place, metropolis, urbanism, capitalism, relationship.

Quando William Harvey, em *De motu cordis*, em 1628, descobriu o princípio da circulação sanguínea (e da respiração) no corpo humano, iniciou-se uma revolução científica não só sobre os princípios da com-

preensão do corpo humano, mas também sobre a compreensão de mundo. Além disso, toda essa descoberta coincidiria com o advento do capitalismo moderno e o conseqüente nascimento de uma grande transformação social: o

individualismo.

Adam Smith, em *A riqueza das nações*, foi o primeiro a reconhecer essas descobertas e aplicá-las a seu pensamento econômico, imaginando uma circulação de mercadorias, dentro de um mercado livre, capaz de produzir conseqüências idênticas à circulação sanguínea. Observou, também, que as trocas de bens e dinheiro se faziam melhor e de maneira mais lucrativa quando esses bens circulavam e não se mantinham estáticos. Da mesma forma, esse *homo economicus* imaginado por Smith deveria especializar-se, para oferecer suas posses e habilidades ao mercado, e para tudo ter um preço.

Partimos então de princípios que antecedem o advento das *metrópolis*, ou seja, de conceitos e fundamentos que possibilitaram a sua construção. Se por um lado, esse projeto capitalista possibilita um movimento acelerado, entregue às exigências do tráfego e da circulação possibilitará também, no plano espacial e social, uma construção *abstraida* dos valores de cada lugar e de seus referenciais ligados à natureza, às características herdadas de seu passado, e a uma construção de relacionamentos.

John Milton, contemporâneo de Harvey, relata em *O paraíso perdido* que “o corpo em infalível locomoção corre o risco de ignorar essa história, ao perder suas conexões em outras pessoas e lugares através dos quais se move”.

Traremos, então, essa experiência para

o território do Rio de Janeiro, empreendida a partir das reformas urbanas da administração Pereira Passos, de cunho capitalista, até a construção maior de uma cidade como centro propulsor, como uma máquina de circulação e integração, por meio de um governo de proporções míticas, o Estado Novo, e de sua avenida símbolo: a avenida Presidente Vargas.

A primeira necessidade de compreensão, quando nos referimos ao traçado urbano, é compreendê-lo em relação ao seu *território* (natureza). No caso do Rio, temos que nos referir à mentalidade e às possibilidades da época para a conquista deste difícil *lugar*, cheio de morros, montanhas, manguezais, alagadiços, chuvas, calor, umidade, enfim, de uma natureza exuberante, mas com enormes dificuldades para assentamento das primeiras civilizações, e também à memória, aos primeiros conceitos de relacionamento e poder que, é claro, definiram esse traçado.

Mesmo com tantas transformações é necessário compreender a presença e a formação do *espírito do lugar*, a necessidade dos relacionamentos, e em função de uma evolução de todo *território*, como desdobramentos de uma estrutura inicial de cidade. Refiro-me à formação do espírito em relação à natureza, cultura, religião, conhecimento. Assim, dentro desse processo, é preciso estabelecer algumas distinções de cidade para compreendermos a passagem até o que existe hoje, como resultado de todas

as acomodações.

Muito antes das transformações de Pereira Passos, a região da avenida Presidente Vargas, dominado o seu imenso manguezal, fora preparada para ser o centro do poder. Ali, ainda na Colônia, foram traçados os referenciais de *crescimento* e *ordenação*. Na parte central desse eixo estaria (e está até hoje) a

representação das armas (Ministério do Exército) e à sua frente uma grande praça (como as praças de guerra de várias cidades da Europa), suporte para evoluções de tropas em festividades, eventos e solenidades, como aconteceu na proclamação da Independência do Brasil, e que lhe rendeu o nome de praça da Aclamação.



Parada da Juventude, durante a Semana da Pátria. 1941. Agência Nacional, Arquivo Nacional.

Nesse espaço, vale observar, todos os arredores da praça se intercomunicavam através de um *espaço vazio*, que possibilitava uma maior interatividade com a cidade e todos os lados da praça. A cidade fora constituída para se comunicar de maneira intensa em suas relações de comércio e em suas celebrações. Não existia na cidade histórica uma intenção de cobrir a praça com vegetação, como fez o paisagista Glasiou (vindo com a Missão francesa), adaptando uma visão de paisagismo francês aos trópicos, mas infelizmente isolando do convívio direto todos os lados da praça e subtraindo esse espaço de festividades da cidade.

O urbanismo da Colônia, mesmo

insatisfatório com o crescimento e necessidade das habitações, nos deixaria uma herança de espaços sempre voltados para o convívio e circulação de pessoas, preocupados com a geografia do terreno, e com as praticidades necessárias decorrentes das limitações da época, como a precariedade dos transportes.

Outro ponto importante a observar, do lado oposto da cidade histórica, é o planejamento de uma *cidade nova*, que nasceria com a dragagem do canal do mangue. O Centro da cidade planejava assim o seu *coração*, nos quatro cantos, com possibilidades de integração e desenvolvimento, calcados no conhecimento do terreno e num conceito de proximidade.



Vista aérea da avenida Presidente Vargas (sentido praça da República - Candelária). 1944. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

Não havendo áreas habitacionais ou de comércio desassociadas de um todo.

Em virtude do desenvolvimento das atividades portuárias, da abolição da escravidão e do desenvolvimento dos transportes, a cidade vai experimentar a sua primeira etapa de metrópole, com direito a uma grande crise habitacional e de saneamento urbano. Soma-se a isso, o acontecimento da Guerra do Paraguai, que, após a vitória brasileira, traria para a capital federal inúmeros soldados em busca de prêmios e indenizações. Tudo isso, diante das prioridades capitalistas de desenvolvimento do comércio e do desenvolvimento urbano, iria se agravar, gerando inchaço na área central da cidade. Cortiços e favelas começaram a fazer parte do cenário urbano e arquitetônico da capital, sobretudo pela ausência de qualquer política habitacional.

Segundo Lima Barreto, “casas que mal dariam para uma pequena família são divididas, subdividas e os minúsculos aposentos assim obtidos, alugados à população miserável da cidade. Aí nestes caixotinhos humanos é que se encontra a fauna menos observada de nossa vida, sobre a qual a miséria beira com um rigor londrino”.¹

Diante desse quadro, a gestão administrativa urbana toma ares de uma guerra. De um lado a população, que queria fazer parte das atividades comerciais que se desenvolviam no Centro da cidade, de outro, a administração da capital, que

diante de pestes e doenças, optou por demolições, expulsões, prisões, ou seja, o uso da força para controlar uma situação que a cada dia se tornava mais grave para toda a cidade, sobretudo para a “ordem” da capital.

Com a introdução dos transportes urbanos (o bonde, os automóveis), Pereira Passos investe na criação dos bairros, transferindo uma grande quantidade de pessoas e problemas para longe do Centro da cidade. Lima Barreto ainda nos diz: “o subúrbio é o refúgio dos infelizes. Dos que perderam o emprego e as fortunas, dos que faliram nos negócios enfim, todos que perderam a sua situação normal vão se aninhar ali nos subúrbios”.²

Assim, dentro dos conceitos parisienses de cidade, Pereira Passos irá legislar e criar, mesmo que já dentro de uma ótica capitalista de expansão, um novo modelo para a cidade, aproveitando os conceitos burgueses de embelezamento e estilo (neoclássico), e com uma política de controle urbano ainda baseada em conceitos militares (como *Haussman*, em Paris).

Dentro de sua morfologia urbana, a cidade se adapta à necessidade de circulação dos automóveis e bondes, ao aumento de calibragem das ruas, às ligações dos grandes centros de produção e comércio por meio de grandes avenidas, como a avenida Central, a rua Larga e tantas outras, alterando de maneira significativa a estrutura da cidade colonial

(histórica). O lado coeso existente na estrutura da cidade, com relação ao comércio e às habitações, irá nesse momento estabelecer-se através de uma relação entre Centro da cidade e os bairros que começam a multiplicar-se. Mesmo assim, após essas transformações radicais, o Centro da cidade ainda se manterá como um local habitacional, preenchendo toda a malha urbana de seu novo traçado, incluindo a Cidade Nova, o Mangue, Catumbi e os morros circunvizinhos.

Mas e na vida, a que ponto haviam se alterado as estruturas do relacionamento?

É claro, a metrópole estava sendo preparada, mas a sociedade já se encontrava estruturada para um relaciona-

mento mecanizado, em que as máquinas simbolizam os rompimentos e desimpedimentos em relação à vida da Colônia?

A que ponto esse *coração* de cidade, agora sob a bandeira republicana, se encontrava apto para aceitar o que propunha o novo governo?

Os escravos negros já poderiam ser considerados cidadãos brasileiros a partir da República?

A nova ordem da cidade criou, a partir de sua nova organização, um urbanismo com espaços segregados, em que os direitos eram apenas reservados às classes mais abastadas, até mesmo no modo de se vestir e no convívio de alguns espaços, onde o cidadão pobre devia encaixar-se de modo muito reservado, e infiltrar-se por meio de atividades permitidas.

O início da metrópole, portanto, negava a sua própria natureza de convivência, multiplicidade, trocas, permissividade e livre circulação.

A cidade de antes, mesmo que dentro de um sistema escravocrata, integrava-se às trocas e ao convívio direto, aonde a mercadoria chegava através do vendedor, em que o seu valor era também associado ao poder de convencimento e seleção, aliado à qualidade do produto e à liberdade de se poder estabelecer o próprio comércio e preço.

Claro que essa nova ordem (já rompida no Encilhamento) não interessava aos no-



Sobrados da av. Presidente Vargas, na praça Onze.

vos conceitos de produção do capitalismo, aliado à construção dos novos meios de produção, à necessidade de novos braços para dirigir as novas engrenagens através de um novo sistema de remuneração baseado no salário.

A construção dessa metrópole esqueceu que a constituição dos valores de uma cidade se processa por meio de um conhecimento de trocas, e que como resultado transformam-se em confiança, respeito e qualidade. Esses valores dentro de um *território* dependem de vários fatores, que incluem a própria admissão do indivíduo neste *território*, com seus hábitos, com suas diferenças, capacidade econômica e, também, sua cultura herdada, somados à interatividade do lugar.

Começa-se, assim, um processo de metrópole com resistência de todos os lados, sem a identidade necessária vinda desde a era do Império e da Colônia, freada pelos interesses dos que nesses períodos perderam seus dividendos, por meio de uma ineficiência administrativa, política e agrária.

E a agricultura? Nada. As terras não eram ferazes e ela não era fácil como diziam os livros. Outra decepção.

E quando o seu patriotismo se fizera combatente, o que achara? Decepções. Onde estava a doçura de nossa gente? Pois ele não a viu combater como feras? Pois não a via matar prisioneiros, inúmeros? Outra decepção. A sua vida era uma decepção,

uma série, melhor, um encadeamento de decepções.⁵

O *coração* da cidade, agora, é comandado por uma linha de ferro que, associada ou corrompendo o poder, clamava por novos modos de mais-valia: do solo, do comércio e de bens ligados ao urbanismo. Assim iriam apoderar-se as novas formas de capitais, comandando por intermédio de atos institucionais as insatisfações dos menos favorecidos.

Mesmo assim, resistindo a tudo, a todas as violências e transformações, a cidade se reconstrói e volta a pulsar em relacionamentos, em multiplicidades, culturas e possibilidades para todos que aqui se destinam, seja por qualquer motivo ou natureza. Insiste em ser metrópole e universal, resumo de todas as culturas, e para isso reserva o seu lugar.

Voltemos então à Cidade Nova, local criado por Pereira Passos, mas que a partir de sua criação tomará dentro da cidade uma conotação de Brasil. Paremos, assim, em um *lugar* que resume toda a diversa natureza brasileira e se funde, que é a praça Onze.

A praça Onze era o centro popular da cidade e também o centro da Cidade Nova. Bares, samba, carnaval, choperias, bilhar, armazéns, barbearias, restaurantes, leiterias, cinemas, escola, praça, chafariz, vida! Todo dia, toda hora! Negros, nordestinos, portugueses, poloneses, enfim a cidade havia chegado no Brasil, e ali fora criado o tipo e a alma

carioca, resumo de tudo, de todos, de todas as nações, línguas, Zé Pereira, maxixe, marchinha, chorinho, ranchos, fundo de quintal, candomblé, São João, abre-alas, Chiquinha Gonzaga, Donga, Pixinguinha, Sinhô, João da Baiana e Tia Ciata, Heitor dos Prazeres, Cartola, samba, futebol, blocos!

Havia um bairro em torno da praça! General Pedra, João Caetano, Marquês de Pombal, Marquês de Sapucaí, rua do Santana, Benedito Hipólito, Júlio do Carmo... General Pedra, onde morou Heitor dos Prazeres, existia como uma comunidade.

Muitas vezes se jogavam peladas em plena rua, e isso no Centro da cidade. Tam-

bém eram muitos os times: Botafoguinho, Praça Onze, Esperança, Ipiranga, Canadá, Capitólio, Cidade Nova, Palestrino, All Jazz, Andorinha, Laderinha, Gramacho, Marino, Frigeler, Tupiara, Adrianino, Cata-Cata, Solteiros e Amigados, 100%, Jogados Fora, são alguns. Esses times, no carnaval, também tinham uniformes, com as cores de cada agremiação esportiva. Na praça, os bondes saíam carregados para a praia das Virtudes, Caju, praça XV. Mais tarde também os judeus lotaram esses bondes, levando mercadorias ou mesmo conduzindo-os, e estabelecendo na cidade novos tipos de comércio. Na praça existiam vários clubes, jornais, e sempre as pessoas se reuniam para um papo no Café Capitólio, para um



Vista aérea do Centro da cidade. 1957. Destaque: avenida Presidente Vargas.

café nas mesinhas...

Era terça-feira gorda. A multidão inumerável burburinhava.

Entre clangores da fanfarra passavam préstitos apoteóticos.

Eram alegorias ingênuas ao gosto popular, em cores cruas.

Iam em cima, empoleiradas, mulheres de má vida,

De peitos enormes – Vênus para caixeiros.

Figuravam deusas – deusa disto, deusa daquilo,

Já tontas e seminuas.

A turba, ávida de promiscuidade,

Acotovela-se com alarido e,

Aqui e ali, virgens atiravam-lhe flores.

Nós caminhávamos de mãos dadas, com solenidade.

O ar lúgubre, negros, negros...

Mas dentro de nós era tudo claro e luminoso!

Nem a alegria estava em nós.

Era dentro de nós que estava a alegria – a profunda, a silenciosa alegria...⁴

* * *

Ah! Não me esquecerei jamais daquela noite de janeiro, faz dois anos, em que vi descer do morro uma escola, cantando aquele admirável samba que em seguida Francisco Mignone aproveitou na sua *Quarta fantasia* para piano e orquestra. O céu estava altíssimo e a noite parara

exausta de tanto calor. E o pessoal veio do morro, cantando a sua linha de tristeza, tão violenta, tão nítida, que era de matar o passarinho. O negro da estiva fazia o solo mais ou menos, e logo o coro largava a se desesperar. As vozes das mulheres, quando então subiam nas quatro notas de arpejo ascendente inicial, vozes abertas, contraditoriamente alviçareiras, como que ainda empurravam mais o espaço dos grandes ares, deixando mais amplidão para a desgraça.

Uma desgraça real, nascida por certo de inconsciências tenebrosas, que quase impedia a contemplação da música belíssima de tão irrespirável tornava esta vida. Sei que não pude agüentar. Assim é a tristeza atual do samba. É possível que, dentro de poucos anos, mude de caráter, porque toda esta música urbana, mesmo de gente de morro, é eminentemente instável e se transforma fácil, como as coisas que não têm assento numa tradição necessária. E no caso, o nosso caráter nacional, não definido, atravessado de internacionalismos e influências estrangeiras fatais, seria essa necessária tradição.⁵

Não me cansaria de falar sobre a vida desse lugar, que foi o berço da poesia, da alegria, da mistura e do samba carioca. A praça Onze era o *coração da Cidade Nova*, o *coração da cidade* e o *cora-*

ção do Brasil.

Um pouco mais adiante da avenida, estava a Zona do Mangue. Mesmo depois das reformas de Pereira Passos, a cidade, nessa área, ainda permanecia (e permanece) colonial-eclético, cheia de casas pequenas de porta e janela, em terrenos mínimos, muito baratos, devido ao tamanho do lote. Outras não, com três ou quatro portais, dois andares, já com ornamentos... A pobreza da população, embora modificada, ainda resistia.

Mesmo assim, não podemos deixar de considerar o importante papel do Mangue na mestiçagem, na troca de valores, sobretudo poéticos. Nem a prostituição diminuiu o seu valor dentro da construção dos valores da sociedade. Alguns depoimentos colhidos de pessoas que vivenciaram o lugar em muito diferem da retratação triste das gravuras de Lasar Segal, que é expressionismo alemão. A visão que colhi das pessoas foi de um relacionamento natural, principalmente com as prostitutas, com quem muitos tiveram a sua primeira vez e histórias envolventes.

Soldados dos batalhões circunvizinhos (mesmo proibidos), marinheiros, gente da sociedade. Todos iam para o Mangue. O samba também ia, o morro do Estácio, Saúde, Gamboa, Livramento. Embora na maior pobreza, a cidade ali acontecia.

A cidade, lembrando os referenciais do lugar, se dispunha em zona do comércio e administrativa, comercial e burguesa

(cortada pela avenida Rio Branco) e no lado popular, comercial e habitacional. Com essa constituição, ela se preparou para crescer, mesmo guardando as contradições do lugar e de sua constituição política e social. Assim a cidade crescerá em todos os sentidos: para o oeste, a parte mais pobre e industrial, para a zona sul, a parte habitacional burguesa, que seria por todo o século XX e até hoje a grande área canalizadora de investimentos da cidade, na seqüência, Lapa, Glória, Flamengo, Urca, Copacabana. E por outro lado, Botafogo, Jardim Botânico, Lagoa, Gávea, fora a Tijuca, e os subúrbios.

No Centro da cidade, o desmonte do morro do Castelo aumentaria as possibilidades de reorganização urbana, sobretudo após a vinda de Alfred Agache, com os novos conceitos modernos de urbanismo. Começa assim a mudança dos conceitos de arquitetura, de aproveitamento dos lotes, escala, e a análise passa a basear-se em estatísticas relacionadas a todo o território.

Apesar do *zoning* proposto, algumas distorções já eram observadas por Agache, como a necessidade de construção de habitações populares no Centro da cidade, em contraposição à retirada destas como um processo perigoso de segregação urbana. Outra observação importante era a compreensão da cidade histórica e de sua estrutura urbana como área de preservação. Agache transfere a estação de trens para a praça da Bandeira, com a intenção de deslocar o flu-

xo que ali se concentrava, já considerando também a Cidade Nova em relação ao traçado histórico e ao grande eixo que ali existia, unindo todos os espaços que ali coexistiam, e que mais tarde seriam aproveitados com o nome de avenida Presidente Vargas.

A Cidade Nova era então um *rebatimento* da cidade histórica, e também um complemento do Centro da cidade. Mas por possuir uma proximidade maior com as áreas *habitacionais*, e também uma conexão com a praça Onze, transformou-se no verdadeiro *coração* pulsante da cidade, e reflexo de todas as fusões brasileiras em constante processo de interação diante da representatividade da capital. Estava pronto, assim, o complemento do Centro da cidade após a realização do canal do Mangue. A cidade ocuparia finalmente o território da Cidade Nova, com vida e comércio e dentro de uma espontaneidade brasileira (carioca) muito maior que a cidade histórica. Para isso, levava muitos anos, muitas transformações.

No aspecto urbano, como podemos ver nas fotografias, a massa do casario adaptava-se perfeitamente à praça da República, fechando-a como um espaço celestial. O Campo de Santana, ainda com o seu jardim constituído plenamente, juntamente com a rua General Pedra, fechando com as construções do miolo da avenida (destacando-se o Paço da Cidade), formavam um espaço perfeitamente delimitado e adaptado à escala huma-

na, para celebrações, como se podia ver nas paradas militares promovidas pelo Estado Novo, antes da abertura da avenida Presidente Vargas. Vale dizer, também, que a constituição da praça Onze, arquitetonicamente adaptada às proporções humanas, com seu casario neoclássico colonial, era um convite ao relacionamento. A cidade continuava com as transformações urbanas no seu caminho de construção, e no aspecto central, no seu *coração*, intensificava os seus relacionamentos.

Voltemos então a Willian Harvey, que apesar de suas grandes descobertas científicas, influenciara os pensadores das cidades de forma equivocada. O que se percebe ao se estabelecer um princípio como o da circulação sanguínea, para o fluxo e as trocas das cidades modernas, é que ele está mais ligado a uma *essência mecânica* do que propriamente humana, nem mesmo química no que concerne ao território das trocas e fluxos, como queria também Adam Smith com seu *homo economicus*. Nesse caso, o *homo economicus*, imaginado, especializado para as trocas, também era um cidadão, sujeito às necessidades e especificidades políticas de seus governantes, e aos aspectos culturais e espaciais do *lugar*.

Assim, no aspecto urbano, esse *coração* pulsa enquanto é forte uma interatividade e uma multiplicidade aceita por todos os cidadãos ali presentes em seu *território*, onde o lado próspero do lugar se dá, tam-

bém, pelo equilíbrio dos relacionamentos dispostos espacialmente. Para haver trocas, é preciso haver o que trocar, e pessoas com potencial econômico, como aconteceu no caso do Centro da cidade do Rio de Janeiro.

O *coração* da cidade, no caso, e comparando-o ao órgão humano, recebia todos os fluxos e filtrava-os em comportamento, em modo de vida, algo que também estava associado à vontade e ao prazer de se estar no *lugar*, de pertencer e não apenas *de lucrar*, de prolongar a sobrevivência no lugar belo e desejado, como o Rio de Janeiro. Quando falamos de uma cidade, mesmo no sentido econômico, falamos de mentalidades ligadas a todas as particularidades da experiência de vida no *lugar*, ao seu tamanho, à sua beleza, à sua representatividade política, enfim, às questões necessárias, à sobrevivência, e também ao seu crescimento, seja sob qualquer aspecto.

No caso do Rio de Janeiro, representativo que foi, em vários momentos do Brasil, como capital do Império e da República, temos a constituição de um espaço múltiplo, onde se fundiam várias culturas em constante processo de organização e relacionamento.

O Poder ao propor de maneira incisiva as reformas urbanas, e diversas vezes pela força, tentará diluir um processo sempre de crescimento e de resistência, em alguns momentos caótico, mas em nenhum momento individualista, ou isolado das interações e multiplicidades represen-

tativas, no que se refere às características de nação, povo e de cidade.

O Rio sempre foi uma cidade cosmopolita, aberta a todas as idéias de todo o mundo, com reflexos na sua cultura. Mesmo São Paulo, retrato da máquina econômica com reflexos em sua dimensão urbana, não interagiu de forma poética como o Rio de Janeiro, exatamente porque o reflexo da importância econômica ameniza as relações humanas, privilegiando a sua colocação dentro de um sistema apenas econômico.

No Rio de Janeiro, por ser uma cidade bela, poética, discute-se o modo de viver em relação ao sistema, como um processo que sempre reclama a sua representatividade também na forma de viver.

Temos então um sistema duplo, pois o Rio de Janeiro também é o *coração* do Brasil, é o lugar onde se exprime o sentimento de nação, e onde o *homo economicus* de Smith troca não só mercadorias, mas concepções diversas e influências. A sobrevivência sempre esteve ligada às decisões e aos conchavos políticos, e o povo da cidade sabe muito bem disso.

Não há como crescer, não há como progredir a não ser a partir de uma permissividade política. Do lado urbano, esse território concentra todos os fatos importantes da história brasileira, e o povo quando não protesta é constantemente convidado a participar, a conviver,

ver, lembrar, a sentir-se parte dos fatos e resultado dos acontecimentos.

Temos, então, um *coração* que não só bombeia fluxos como descobriu Harvey, mas também sentimentos, modas, posturas, atitudes, comportamentos em todo Brasil. Um *coração* de cidade que se assemelha à forma humana, vibrante, poético, representativo.

Na sua essência, o coração de uma cidade são as pessoas. São elas que irão promover o espírito do lugar, ou captá-lo para então traduzi-lo em sua maneira de viver. As formas arquitetônicas e o urbanismo estão subjugados a elas, ou renegados conforme a sua identidade. Não falamos de algo que apenas se impõe, mas de algo que reage também às imposições e aos atos falhos e a toda a vida, às mudanças muitas vezes promovidas por governos e suas economias, por seu espírito de *homo economicus*.

De uma maneira mais aberta, o Rio, em sua essência, já continha o espírito de uma metrópole, preparada para ser receptiva através de suas possibilidades humanas, representativas e naturais.

Entremos finalmente na era Vargas.

A cidade, acostumada a ver espetáculos militares e manifestações de apoio ao ditador, prepara-se para receber outra grande reforma urbana. Uma reforma que prometia transformar, nas palavras do governador Henrique Dodsworth, “a cidade maravilhosa, na cidade das

maravilhas”.

O plano era ambicioso e para isso o governo não pouparia os seus esforços, principalmente do Banco do Brasil. Alguma coisa oficial já havia sido feita para ocupar o grande espaço que sobrara com o desmonte do morro do Castelo, como o Ministério da Educação (no estilo moderno corbusiano), o do Trabalho, o da Fazenda (em estilo neoclássico agachiano), mas para a Cidade Nova os planos de renovação eram maiores, e de proporções fascistas.

Ao olharmos o plano em sua íntegra, questionamos o contraste da escala e das soluções propostas com a cidade que existia, e é claro com a integração que esta arquitetura e urbanismo proporcionavam à proximidade e ao relacionamento.

A perspectiva política era também de um plano econômico com a finalidade de arrancar o interior do país da mediocridade e de capitalizar o novo Centro da cidade, criando grandes corredores de circulação e novos investimentos onde mercadorias e possibilidades poderiam circular. Alguma coisa muito parecida com o que Adam Smith havia pensado, mas só com o rótulo de um capitalismo de Estado destinado à integração nacional.

A cidade passa a ser preparada, então, para esse espetáculo, em que as proporções deveriam crescer ante os olhos dos migrantes, como um símbolo do desenvolvimento, imortalizando Getúlio Vargas com o nome da avenida.

A Cidade Nova seria um território perfeito para implementar essas mudanças. Uma zona de intenso e pequeno casario, pequenos comércios, seguidos de pequenos vazios em direção à Zona do Mangue.

Novamente o povo, de todo o tipo, que viera à capital federal buscar as suas oportunidades, é iludido pelos ares do progresso e desenvolvimento. Além disso, no meio do caminho, é atropelado por uma guerra, que exigiu esforços e sacrifícios redobrados.

Assim, a cidade que havia se reconstituído, e assentado o seu complemento em relação ao seu *coração*, irá de novo esfacelar-se, pulverizando casas, igrejas, relacionamentos, e também a sua economia, no Centro da cidade.

Lugares como a praça Onze, pólo gerador e aglutinador de culturas e poesia, formador do espírito e da alegria carioca, foram totalmente perdidos. O seu casario comercial, recuado do eixo da avenida, só desapareceria em 1957, e jamais seria reconstituído. Até hoje poderia estar lá, gerando vida e servindo a população circunvizinha. Ruas como a General Pedra, que compunham o bairro com a praça, também desapareceram, e com ela o futebol, as peladas, a amizade de fundo de quintal, os casarios de pé direito altos, a alegria e a vida do lugar.

O plano que substituiria prédios com edículas agachianas previa o gabarito de 23 andares, vários recuos em direção à

avenida (ver área do mangue, praça Onze) e passagens subterrâneas nos principais cruzamentos, como na av. Senhor dos Passos e Uruguaiana. Além disso, preservava a rua General Pedra, com outra escala, e marcava no eixo da avenida o espaço celestial da praça Onze. Os quarteirões laterais à avenida também eram marcados por uma sucessão de pátios e recuos em relação às ruas, como na avenida Presidente Vargas.

Nada disso foi realizado. O resultado da guerra tirou a perspectiva de conclusão da avenida, de alguns quarteirões demolidos, da nova rua General Pedra. A queda do Estado Novo levou também às indenizações, que foram se arrastando até perderem-se como uma solução para os comerciantes e moradores atingidos.

O *coração* da cidade perde o rumo no seu *coração humano*, numa ação que talvez William Harvey comparasse, se houvesse descoberto, a um processo cancerígeno, a uma grande ferida exposta, que rompeu neste *território-corção* todos os fluxos naturais da cidade que vinham desde a Colônia, confundindo espaços, tipologias, extirpando vida dos lugares, transformando-o em um lugar morto. Em resumo, o *coração* da cidade deixou de bater.

É claro, permaneceu o samba, resultado agora dos morros mais próximos e distantes, terrenos baldios, galpões comerciais diante de ruas sombrias, e alguns moradores insistentes. Perto da praça Onze, apenas um prédio habitacional,

apelidado de “Balança mais não cai”, devido à sua alta densidade habitacional e diversidade, e mais nada...

Extirpado o Campo de Santana, depois da praça da República, a avenida foi aos poucos se reconstituindo como um único paredão de edifícios de 23 andares, onde se destaca no centro da avenida a Igreja de Nossa Senhora da Candelária, que resistiu milagrosamente.

Criou-se, assim, um cenário de grandiosidade e de pouca vida no lugar, com uma tipologia e função bem marcadas, voltadas para escritórios e repartições burocráticas, que aos poucos foram afastando a vivacidade habitacional do centro da cidade e destruindo o casario pelo aumento excessivo do valor do solo, e também da escala que os escondeu.

A cidade, com a construção de Brasília, mudou o seu rumo buscando novos investimentos, em áreas mais valorizadas como Copacabana. O que ficou para trás foi esquecido sem qualquer perspectiva de investimento ou integração com as áreas comerciais mais próximas.

Destruiu-se assim, um *coração* pulsante, onde havia trocas e perspectivas, não somente comerciais, mas de relacionamento e esperança. Sobre as causas e fatores que levaram a isso, podemos enumerar muitos deles, mas primordialmente idéias científicas importadas e distantes da nossa *pobre realidade* e também do *nosso território*.

Nesse caso, a cidade assemelha-se a um verdadeiro *coração*, em que o que um homem sente se reflete na vida do próximo. Michel Foucault, desnudando os paradigmas do poder, nos mostra que “o poder circula”. Ou seja, está dentro de nós e de nossa admissão com relação ao comportamento sociopolítico, espacial e humano.

Então, qual será a verdadeira essência da cidade? Qual será, entre todas estas cidades, o seu verdadeiro *coração*? Qual a possibilidade de equilíbrio entre esses vários *corações*? Qual o resultado desse fluxo frenético, que ao transportar ambições, também destrói o convívio e as possibilidades de harmonia com o *lugar*?

O *homo economicus* também imagina as suas verdades, e por elas todos nós pagamos o seu preço. No caso de uma cidade, de uma cidade sadia, não há verdade absoluta, apenas uma razão única em viver, crescer e relacionar-se, e esse é o verdadeiro conhecimento que leva o homem à compreensão do seu próprio *coração* e do *lugar* que divide com os outros, e que, se assim o é, podemos chamá-lo de humano, ou compará-lo a um *coração*, como um *coração de cidade*.

Assim, homem e natureza dependem um do outro. Sobre a natureza, o homem exerce o fascínio de poder transformar a obra de Deus em dinheiro, ascensão, influências...

Essa simbiose também é um produto da geografia (corpo) do *lugar*. Essa história

atraiu um grande contingente de pessoas que vieram constituir uma verdadeira cultura. Feita, se assim podemos dizer, de *homo diversidade*, concentrando muitas informações, costumes e esperanças, na capital da República.

Desse modo, as pessoas presentes nos vários períodos compuseram um *coração* de cidade de sentimentos. Enfim, o *coração-sentimento* que Harvey e Smith não acharam.

Segundo Leonardo da Vinci, também um precursor da era moderna, “o homem é um modelo do mundo”, nele estão encerrados todos os sentimentos e todas as razões.

Durante a ocupação deste *território* e *coração* de cidade, o *modelo* carioca alcançou o bom relacionamento, admitiu as diferenças, esbanjou arte, poesia, a ale-

gria pulsante, a *gentileza* (que segundo Grande Otelo “é a marca do brasileiro”), a descontração, a amizade, o amor, a beleza.

Hoje, o Rio de Janeiro é uma cidade com vários *corações*. Em todos os bairros, nas favelas, em cada lugar há um *coração*. No seu embrião, o Centro da cidade, Saúde, Gamboa, Santo Antônio, Livramento, Mangue, Cidade Nova, praça Onze, morro do Castelo, praça XV, praça Mauá... O resumo disseminado em trocas fluidas e fluxos constantes de relacionamento com a natureza. É nesse cenário que crescerá a vida, alimentada de trocas e imaginação.

Será desse ponto que partirá a alegria e a poesia, para superar tudo, todos os obstáculos, um *coração pulsante* capaz de alimentar toda a cidade.

N O T A S

1. Lima Barreto, *Triste fim de Policarpo Quaresma*, Rio de Janeiro, Livraria Garnier, 1990.
2. idem.
3. idem.
4. Depoimento de Manuel Bandeira sobre a praça Onze apud Dulce Tupy, *Carnavais de guerra*, Rio de Janeiro, ASB, 1985.
5. Depoimento de Mario de Andrade sobre o carnaval carioca apud Dulce Tupy, *Carnavais de guerra*, Rio de Janeiro, ASB, 1985.